



Fotos: Arquivo AS-PTA/PB

Produtos da Agricultura Familiar

“Ninguém educa ninguém,  
Ninguém educa a si mesmo,  
Os homens se educam entre si,  
mediatizados pelo mundo.”

Paulo Freire

**N**a casa da família de Dona Nenê, no Agreste da Borborema, todos acordaram cedo. É dia de pamonhada.<sup>1</sup> Seu Chico foi para o roçado quebrar milho da variedade pontinha, muito boa para fazer pamonha. As sementes foram herança deixada por seu avô.

*Dona Nenê e seus filhos se preparam para receber os vizinhos: pegam água na cisterna construída bem no oitão da casa com os recursos de um sistema de microcrédito comunitário, colhem verduras na barragem subterrânea cultivadas utilizando adubos naturais, cozinham a galinha de capoeira do terreiro. Os vizinhos chegam justo na hora em que as filhas de Dona Nenê regam a horta de plantas medicinais com o reaproveitamento da água da cozinha. Elas aprenderam em uma visita de intercâmbio com outras agricultoras e agora ensinam para a comunidade. Um dos vizinhos elogia a diversidade de plantas que existe no quintal e a quantidade de árvores no sítio.*

# A pamonhada na casa de Dona Nenê:

## agricultura familiar construindo a segurança alimentar no semi-árido

Roberval Silva, Paula Almeida, Luciano Silveira e Marilene Melo\*

*Para almoçar ainda puderam escolher se comeriam fava (Phaseolus lunatus) ou feijão (P. vulgaris) e, como sobremesa, tiveram doce de caju. Dona Nenê tem orgulho e comenta: “Na nossa mesa tudo vem da roça e é natural.”*

*Na casa de Seu José Cosme, também no Agreste da Borborema, é dia de plantio, mas não há sementes. Ao acordar, Seu José pede a seu filho mais velho, Zeca, para comprar algumas. Dona Corrinha foi buscar água no carro-pipa. Mas antes pediu à filha para que fosse na bodega comprar cusuz para o café da manhã. A propriedade da família é muito pequena e eles são obrigados a arrendar terra do fazendeiro. Além disso, a cada ano ela fica mais fraca. Para pagar a bodega e as sementes, a família foi obrigada a vender o boi, mas espera pelo dinheiro da aposentadoria para comprar um novo bezerro.*

Essas rápidas passagens de histórias familiares contrastantes foram extraídas da peça de teatro *A pamonhada na casa de Dona Nenê*, elaborada e encenada em várias oportunidades por agricultores e lideranças religiosas que integram o Grupo de Teatro do Pólo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema, uma articulação de organizações de agricultores e agricultoras (entre sindicatos, associações, pastorais, grupos informais etc) de 16 municípios do Agreste da Paraíba. Com ela o grupo teve por objetivo favorecer a construção social do conceito de segurança alimentar, estabelecendo vínculo com a realidade local vivenciada pela agricultura familiar. Embora imaginárias, as duas histórias reprodu-

<sup>1</sup>Pamonhada é uma festa típica em que são feitas várias comidas à base de milho verde, sendo uma delas a pamonha. As pamonhadas ocorrem nas comemorações de São João e São Pedro, comuns no Nordeste.



Encontro "Saúde e Alimentação".  
Peça: Pamonhada na Casa de Dona Nenê



Encontro "Saúde e Alimentação".  
Peça: Pamonhada na Casa de Dona Nenê

zem de forma bem fiel a situação de dualidade existente entre aquelas famílias que vêm aos poucos construindo melhores condições de abastecimento alimentar, por meio da participação ativa em dinâmicas sociais de inovação agroecológica, e as que ainda vivem em uma situação extrema de insegurança alimentar.

**A família de Dona Nenê representa as 4 mil famílias que vêm desenvolvendo práticas pioneiras a partir do intenso processo de experimentação e disseminação de inovações técnicas e organizativas estimulado pelo Pólo desde 2000, com vistas a construir um novo modelo de desenvolvimento rural, baseado na noção de convivência com o semi-árido.**

Nesse processo, os agricultores e as agricultoras vêm resgatando variedades de sementes adaptadas a sistemas tradicionais de consórcio de cultivos e se organizando em bancos de sementes comunitários; retomando e melhorando o manejo da criação de aves e de quintais de verduras, frutas, plantas medicinais e frutíferas; rearbo-

rizando suas propriedades através de implantação de sistemas como cercas vivas, bosques, plantação de árvores nos roçados e técnicas agroflorestais; produzindo e estocando forragem de plantas nativas para que o gado, os bodes e as ovelhas continuem produzindo leite e carne mesmo em condições adversas; e testando e aplicando grande diversidade de defensivos e adubos naturais nas hortaliças, nas árvores frutíferas e nos roçados.

Além disso, as famílias estão desenvolvendo e implementando novos meios de captação e armazenamento de água para beber e para a produção agrícola. Ao se prepararem melhor para receber as águas que caem da chuva, valorizam a rica fonte de biodiversidade e conhecimentos locais, o que transforma solo e água em uma explosão de vida produtiva de alimentos, plantas medicinais, forragens e adubos. Para garantir que o alimento não falte nem durante a estiagem, estão mantendo provisões de água nas cisternas, nos tanques de pedra e barreiros, além de milho, feijão e farinha nos silos, e ainda fabricando doces e compotas para estabilizar a oferta de frutas e verduras durante o ano.

No conjunto, são experiências que promovem maior segurança alimentar às famílias, pois aumentam a quantidade e a diversidade de alimentos produzidos nas propriedades, e proporcionam maior resistência à seca garantindo a estabilidade da produção. Por fim, tornam as famílias mais autônomas, já que se baseiam em recursos naturais e em conhecimentos dominados pela população local. Todo esse avanço é decorrente de um grande e articulado programa de inovação agroecológica conduzido pelo Pólo Sindical da Borborema e assessorado pela Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA).

O Pólo tem atuado junto às bases das organizações a ele vinculadas no sentido de elaborar, defender e executar um projeto para a transformação da agricultura na região. A construção desse projeto e a sua apropriação por um número crescente de organizações e famílias vêm se fundamentando no mesmo princípio pedagógico adotado na peça de teatro. Importantes conceitos para a leitura da realidade e a ação sobre ela vão aos poucos sendo elaborados a partir da interpretação dos fatos concretos do cotidiano das famílias de agricultores. Como diz Paulo Freire: "O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática." Nesse processo dialético de construção social de um projeto próprio de desenvolvimento, a experimentação das inovações feita diretamente pelas famílias e comunidades rurais desempenha um papel pedagógico determinante.

Redes locais de agricultores-experimentadores vinculam a teoria e a prática das novas técnicas

através de um amplo e descentralizado processo social de experimentação e de proliferação de iniciativas de intercâmbio, que se estabelecem sob a dinâmica “de agricultor para agricultor”. Organizadas em temas e coordenadas por comissões compostas por lideranças do Pólo (que também são agricultores-experimentadores), essas redes horizontais têm sido capazes de elaborar sínteses de seus efetivos acúmulos nos planos técnico, metodológico e político. Foi justamente com base nesse processo que a noção de agroecologia foi

aos poucos se delineando como referência concreta para a viabilização de um projeto coletivo de desenvolvimento fundamentado na sustentabilidade socioambiental e na convivência com o semi-árido. Tendo esse projeto de transformação da realidade como condutor de suas ações, o Pólo e a Articulação do Semi-árido Paraibano (ASA-PB)<sup>2</sup> têm atuado intensivamente no sentido de formular, defender e implementar políticas públicas voltadas para a promoção da agroecologia e da segurança alimentar (ver boxe).

## As experiências transformadas em políticas

### Água: um direito de todos

As experiências de captação da água das chuvas em centenas de propriedades e comunidades através de métodos simples, baratos e de comprovada eficiência técnica já demonstraram a importância da descentralização das estruturas de abastecimento tradicionais para a segurança alimentar e hídrica das populações do meio rural paraibano. Esses métodos vêm se disseminando rapidamente no Agreste através dos fundos rotativos solidários geridos pelas próprias comunidades. Atualmente o Pólo conta com uma rede de 230 fundos que já viabilizou a construção de 1.835 cisternas domésticas, garantindo fácil acesso à água de boa qualidade às famílias beneficiadas.

As cisternas foram incorporadas às políticas públicas levando à configuração do Programa de Um Milhão de Cisternas, P1MC, do qual o Pólo Sindical e as Organizações de Agricultores Familiares da Borborema fazem parte. Esse programa, que é gerido pela Articulação do Semi-árido Brasileiro com recursos do governo federal, vem demonstrando a capacidade da sociedade civil de formular, negociar e executar políticas de grande alcance de forma a descentralizar a oferta hídrica a partir da mobilização comunitária.

### Cultivando a vida: um roçado de sementes da paixão

O Pólo faz parte da Rede Estadual de Bancos de Sementes da Articulação do Semi-árido Paraibano, que tem conquistado avanços políticos. Desde 1998, vem estabelecendo convênios com o governo do estado da Paraíba para abastecimento dos bancos com sementes de variedades locais e, em 2004, graças a uma parceria com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), foram armazenadas 161 toneladas de sementes de variedades locais.

Hoje, há 76 bancos de sementes comunitários que beneficiam diretamente três mil famílias. Este é outro exemplo da capacidade das organizações da sociedade civil de formular e implementar soluções técnicas e socioorganizativas para enfrentar os problemas vivenciados pela agricultura familiar do semi-árido. Por meio desses bancos, as famílias sócias têm garantido sementes de qualidade e na hora certa para o plantio, livrando-se dos riscos da insegurança alimentar em razão da perda do ano agrícola. Os bancos e os estoques familiares funcionam também como guardiões estratégicos das variedades adaptadas, conhecidas como as sementes da paixão. Conservá-las é um importante serviço que a agricultura familiar está prestando para a segurança alimentar da sociedade de modo geral e para a autonomia tecnológica de nossa agricultura.

<sup>2</sup> Rede de organizações da sociedade civil paraibana, incluindo ONGs e organizações de agricultores, que vem formulando políticas de convivência com o semi-árido a partir do conhecimento e realidades locais. Tanto o Pólo Sindical da Borborema como a AS-PTA são partes integrantes dessa rede.



Feira de Experiências

## A família de Dona Nenê viaja pelo Nordeste

O Pólo realizou um evento contando com a participação de 70 lideranças sindicais e comunitárias, que centrou esforços para colocar as experiências acumuladas a serviço da construção coletiva dos conceitos de segurança e de soberania alimentar, assim como para a elaboração de propostas e orientações de políticas públicas voltadas para a superação das condições estruturais que perpetuam o quadro de insegurança alimentar vigente. Um dos produtos desse evento foi a formulação de um documento com contribuições para o Programa Fome Zero.<sup>3</sup>

Os caminhos percorridos por esses debates foram se diversificando e alcançando espaços cada vez maiores. Do Agreste da Borborema, avançou para o estado da Paraíba chegando ao conjunto do semi-árido brasileiro. As propostas para o Programa Fome Zero foram sendo elaboradas com base na valorização das iniciativas locais, através de intercâmbios entre agricultores-experimentadores, feiras de experiências e produtos da agricultura familiar e sistematização e publicação das práticas. Essa trajetória e seus resultados se entrelaçam com as situações apresentadas na peça *A pamonhada na casa de Dona Nenê*.

Tanto a reflexão acumulada quanto o enfoque metodológico do evento de formação do Pólo foram valorizados no II Encontro Paraibano de Agroecologia (EPA), organizado pela ASA-PB e que contou com 100 lideranças agricultoras de 77 municípios do estado. Durante o Encontro, o texto elaborado pelo Pólo foi aprimorado dando lugar a um documento intitulado *Contribuições da sociedade civil da Paraíba ao Programa Fome Zero*, cujo conteúdo e idéias constituíram uma referência importante para o evento fundador do Fórum Estadual de Segurança Alimentar.

Um dos encaminhamentos da ASA-PB foi a realização de grande mobilização a favor de uma *Paraíba com Segurança Alimentar: livre de transgênicos e agrotóxicos*, realizada no dia 25 de julho de 2003, em Campina Grande, que contou com a participação de mais de 1.500 agricultores e agricultoras de todo o estado.

Em novembro, a Paraíba acolheu o IV Encontro Nacional da Articulação do Semi-árido Brasileiro (Enconasa), que reuniu cerca de 600 pessoas, sendo a maioria agricultores portadores de experiências de 11 es-

<sup>3</sup> O Fome Zero é um programa criado pelo Governo Lula para combater a fome, a miséria e suas causas estruturais, que geram a exclusão social. Ele foi concebido para garantir a segurança alimentar de todos os brasileiros e brasileiras. O programa Fome Zero reúne um conjunto de políticas públicas que envolvem os três níveis de governo e a sociedade civil.

tados do semi-árido brasileiro. Além disso, com o tema “Agricultura familiar construindo a segurança alimentar no semi-árido”, sediou uma grande feira de experiências de convivência com o semi-árido que evidenciou o rico acervo de práticas em curso e desempenhou importante papel como fonte de inspiração aos debates. O evento culminou com a atualização da Carta Política da ASA-Brasil que, em essência, chama a atenção para a importância da valorização das alternativas que estão sendo desenvolvidas pela sociedade civil organizada nos processos de formulação de políticas voltadas para a promoção da soberania alimentar.

**Assim, a ASA-PB, pelo seu rico acúmulo no tema, foi convocada a exercer um papel ativo de animação na construção de propostas de políticas para a Conferência Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional, quando se repetiu a metodologia já testada e aprovada: a apresentação da peça com a história de Dona Nenê e Seu Cosme, as trocas de experiências etc. O Evento e os seus produtos publicados (*Caderno de Experiências e Diretrizes*) evidenciam o amadurecimento das inovações dos agricultores familiares vinculados ao Pólo e à ASA-PB e a clareza e segurança com que estas pessoas expressam seus resultados concretos e relevantes.**

Já durante a Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, ocorrida em Olinda-PE, em



Encontro “Saúde e Alimentação”  
Peça: *A pamonhada na casa de Dona Nenê*

**As propostas para o Programa Fome Zero foram sendo elaboradas com base na valorização das iniciativas locais, através de intercâmbios entre agricultores-experimentadores, feiras de experiências e produtos da agricultura familiar e sistematização e publicação das práticas.**

março de 2004, não houve organização no sentido de valorizar os acúmulos da própria sociedade civil na promoção da segurança alimentar. Porém, lá estava *A pamonhada na casa de Dona Nenê* dando o seu recado e evidenciando os caminhos que já vêm sendo trilhados a partir da mobilização dos esforços de organizações da sociedade civil e da inteligência criativa de agricultores e agricultoras familiares.

Esse processo educativo, conduzido pelas próprias organizações de agricultores e agricultoras vinculadas ao Pólo, nos deixa a certeza de que as formas de enfrentar estruturalmente a insegurança alimentar não podem se limitar a alterações nos padrões técnicos de produção, mas sim, e fundamentalmente, apostar no aumento da capacidade dos indivíduos intervirem sobre sua própria realidade, ou seja, no aumento dos graus de auto-determinação.

*\*Membros da equipe da AS-PTA atuante no Agreste da Paraíba.  
roberval@aspta.org.br ; paula@aspta.org.br  
luciano@aspta.org.br; marilene@aspta.org.br*

## Referências:

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

*II Encontro Paraibano de Agroecologia: Carta Política*. Lagoa Seca-PB: Articulação do Semi-árido Paraibano, 2003.

*Por uma Paraíba com Segurança Alimentar: livre de transgênicos e agrotóxicos*. Campina Grande-PB: Pólo Sindical da Borborema, 2003.